

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM NORMAL SUPERIOR

CARLOS ALBERTO ARAÚJO DE FREITAS

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: um olhar crítico e reflexivo sobre a
prática Pedagógica do professor do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental**

PARNAÍBA - PI
2011

Biblioteca UESPI - PHB
Registro N° _____
CDD _____
CUTTER _____
V _____ EX. _____
Data _____/_____/_____
Visto _____

CARLOS ALBERTO ARAÚJO DE FREITAS

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: um olhar crítico e reflexivo sobre a
prática Pedagógica do professor do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental**

Monografia apresentada como requisito parcial da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, para obtenção do título de Licenciatura em normal Superior, Sob a orientação da professora Maria do Socorro dos Santos Fontenele.

PARNAÍBA - PI

2011

CARLOS ALBERTO ARAÚJO DE FREITAS

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: um olhar crítico e reflexivo sobre a
prática pedagógica do professor do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental**

Monografia apresentada como requisito parcial da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, para obtenção do título de Licenciatura em normal Superior, Sob a orientação da professora Maria do Socorro dos Santos Fontenele.

Monografia aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Maria do Socorro dos Santos Fontenele
Profª Esp. Maria do Socorro dos Santos Fontenele - UESPI
Orientadora

Prof. Esp. Luiz Alves de Souza Júnior - UESPI
Examinador Interno

Maria Dalva Fontenele Cerqueira
Profª Esp. Maria Dalva Fontenele Cerqueira - ISEAF
Examinador Externo

Catálogo na Fonte

Setor de Processos Técnicos da Biblioteca Central - UESPI

F862a FREITAS, Carlos Alberto Araújo de

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: Um Olhar Crítico e Reflexivo Sobre a Prática Pedagógica do Professor do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental. / Carlos Alberto Araújo de Freitas – Parnaíba, 2011.

45p.

Monografia Apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Normal Superior – Universidade Estadual do Piauí, 2011.

Orientadora - Profª: Especialista. Maria do Socorro dos Santos Fontenele.

• 01. Educação, 02. Avaliação da Aprendizagem, 03. Prática Pedagógica.

CDD – 371.26

Dedico este trabalho a Deus em primeiríssimo lugar, a minha família, *minha mãe* por sua paciência e incentivo, pois por ela renovei minhas forças quando me sentia desmotivado, meus colegas de sala, pelas muitas vezes que me incentivaram e levantaram meu astral e aos meus professores que tão bem desempenharam seu trabalho com tanta dedicação. Em memória a meu Pai, José Ribeiro da Silva por tudo que representou e representa na minha vida.

Não é um Deus que julga as pessoas,
mas é a própria pessoa que faz
o julgamento de si mesmo.

(Daisaku Ikeda).

RESUMO

A avaliação é uma questão polêmica hoje em educação, o que torna o tema rodeado de dúvidas e questionamentos. Talvez por isso seja tão difícil para o educador aderir á cultura da avaliação formativa, pela qual podemos diagnosticar o desempenho do aluno. Este trabalho apresenta uma discussão sobre o tema: Avaliação da aprendizagem: um olhar crítico e reflexivo sobre a prática pedagógica do professor do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Seu objetivo geral enfoca investigar o processo avaliativo na prática pedagógica do professor que atua nas séries iniciais com um olhar crítico e reflexivo sobre o mesmo, e específico identificar as práticas e metodologias utilizadas pelos docentes no processo de avaliação da aprendizagem dos seus alunos. Para responder os questionamentos investigamos cinco professores do ensino fundamental, mas somente três professores foram analisados nessa investigação. Tendo como suportes teóricos Demo (2003), Hoffmann (2002), Haydt (2004), Luckesi (2008) entre outros. A pesquisa foi de ordem qualitativa e os instrumentos utilizados para coleta de dados, foi questionário aberto, por que nos proporciona respostas de maior profundidade. Ao analisar as respostas, concluímos que a pesquisa é importante por ressaltar que a avaliação não é um instrumento para medir o quanto o aluno aprendeu, nem tampouco é uma forma de julgar ou reprovar. A avaliação, de fato contribui para o crescimento do educando, e para o trabalho do professor, que precisa ser mediador e acolhedor, ampliando assim o conhecimento do aluno de si e do mundo.

PALAVRA CHAVE; Educação, Avaliação da Aprendizagem. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

The evaluation is a controversial question in education today, which makes the theme surrounded by doubts and questions. Maybe that is why it is so difficult for the teacher to adhere to the culture of formative evaluation, in which we can diagnose the student's performance. This work presents a discussion on the theme: Evaluation of Learning: a critical and reflexive about the practice of the teacher who acts in the early grades 1st to 5th year. Its research focuses on the general purpose of the evaluation process in the teacher's pedagogic practice which operates in series with a critical and reflexive about the same, and to identify specific practices and methodologies used by teachers in the process of evaluating the learning of their students. To answer the questions we investigated five elementary school teachers from public schools in Parnaíba-Piauí. But only three teachers were analyzed in this investigation. Having as support theoretical Demo (2003), Hoffmann (2002), Haydt (2004), Luckesi (2008) among others. The research was the use of qualitative and the instruments used for data collection was open questionnaire that gives us answers of greater depth. When analyzing the answers, we conclude that the research is important to note that the evaluation is not an instrument to measure how much the student learned, neither is it a way to judge or reprove. The evaluation, in fact, contributes to the growth of the student, and the teacher's work that needs to be a mediator and warm, thus broadening the student's knowledge of self and world.

KEYWORDS: Education, Evaluation of Learning, Pedagogical practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. PROBLEMÁTICA.....	11
2. OBJETIVOS.....	12
2.1. Objetivo Geral.....	12
2.2. Objetivos Específicos.....	12
3. JUSTIFICATIVA.....	13
CAPÍTULO I - PERCURSO METODOLÓGICO.....	16
1.1. UNIVERSO DA PESQUISA.....	16
1.2. INSTRUMENTO DA PESQUISA.....	17
1.3. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	17
CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA INVESTIGAÇÃO.....	18
1. PRINCÍPIOS DE AVALIAÇÃO MEDIADORA.....	23
1.1. AVALIAÇÃO COMO UM PROJETO DE FUTURO.....	23
1.2. VALOR E/OU QUALIDADE DA APRENDIZAGEM.....	24
1.3. RELAÇÃO DA APRENDIZAGEM CONSIGO MESMO E COM OS OUTROS.....	24
2. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO.....	25
2.1. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA.....	25
2.2. AVALIAÇÃO FORMATIVA.....	26
2.3. AVALIAÇÃO SOMATIVA.....	27
3. INSTRUMENTOS AVALIATIVOS.....	28
3.1. OBSERVAÇÃO.....	28
3.2. REGISTRO / FICHAS.....	29
3.3. DEBATE.....	30
3.4. AUTO – AVALIAÇÃO.....	30
3.5. TRABALHO EM GRUPO.....	31
3.6. PARTICIPAÇÃO EM SALA DE AULA.....	32
3.7. SEMINÁRIO.....	33
3.8. PORTFÓLIO.....	33
3.9. PROVA DISSERTATIVA.....	34
3.10. PROVA COM CONSULTA.....	34
3.11. PROVA OBJETIVA.....	35
3.12. PROVA ORAL.....	35

4. COMO A ESCOLA AVALIA O ALUNO.....	36
CAPÍTULO III - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	38
1. QUESTIONÁRIO.....	38
1.1. QUAL A SUA CONCEPÇÃO SOBRE A AVALIAÇÃO?.....	38
1.2. QUE INSTRUMENTOS SÃO UTILIZADOS PARA AVALIAR A APRENDIZAGEM DE SEUS ALUNOS?.....	39
1.3. COMO A AVALIAÇÃO PODE MELHORAR A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS E TAMBÉM A PRÁTICA DO PROFESSOR?.....	40
1.4. QUAIS AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NA RECUPERAÇÃO DE SEUS ALUNOS?.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
APÊNDICE.....	45

INTRODUÇÃO

A pesquisa Monográfica tem como tema a Avaliação da Aprendizagem: um olhar crítico e reflexivo sobre a prática pedagógica do professor do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, na Escola Novo Mundo. E como objetivo geral investigar o processo avaliativo na prática pedagógica do professor que atua nas séries iniciais, com um olhar crítico e reflexivo sobre o mesmo e específico, identificar as práticas e metodologias utilizadas pelos docentes no processo de avaliação da aprendizagem dos seus alunos, refleti sobre as práticas avaliativas no cotidiano escolar, como também analisar as estratégias utilizadas pelos professores na sala de aula.

A avaliação oferece para o desenvolvimento do aluno e para o trabalho do professor, uma ação mediadora e acolhedora. Pois é ela que permitirá o acompanhamento do aluno em todos os anos vividos na escola, colaborando assim para seu progresso, na ampliação do conhecimento de si e do mundo. Dessa forma a avaliação se torna inclusiva e passa a ser usado, não como um instrumento para medir o quanto o aluno aprendeu, nem tampouco como forma de julgar, reprovar ou aprovar um aluno, mas sim como um instrumento para aprimorar o conhecimento.

Assim, nossas abordagens perpassam desde por questões conceituais, os novos paradigmas avaliativos, bem como as discussões sobre como a avaliação vem sendo utilizada pelos educadores da escola pública e suas implicações no aprendizado do aluno. Contudo explicitaremos quais os instrumentos o professor utiliza para avaliar a aprendizagem dos alunos, a análise dos dados coletados, nos quais nos possibilitarão perceber qual a concepção de avaliação e que instrumentos avaliativos são utilizados nas práticas educacionais da escola campo em pesquisa, além de refletir sobre as práticas avaliativas do professor, na busca pela consolidação de um fazer pedagógico mais inclusivo e libertador.

Portanto, com a elaboração deste trabalho, pretendemos suscitar nos agentes educacionais desta instituição o desejo de rever, analisar e aprimorar suas práticas pedagógicas, uma vez que avaliar é o movimento de refletir tudo que envolve o aprendizado e procurar caminhos de torná-la cada vez mais coerente e mais contextualizada.

1. PROBLEMÁTICA

Na história da educação brasileira, avaliar tem se confundido com o ato de medir o que o discente sabe e conseqüentemente classificá-lo como apto ou não para avançar. No entanto, esta não é a verdadeira finalidade da avaliação. Embora no atual sistema ela faça parte, seu principal objetivo não é só dar notas, mas permitir coletivamente a compreensão do processo ensino-aprendizagem e possibilitar a ampliação desse conhecimento, com a finalidade de classificar o aluno segundo o seu nível de aprendizagem e rendimento, baseando-se nos erros, sempre que o mesmo realize uma atividade avaliativa.

Nesse aspecto, a motivação é importante e deve trabalhar nos alunos a necessidade do saber para serem avaliados satisfatoriamente, buscando sempre alcançar boas notas, e não esquecendo que a nota aprova, mas o saber perpetua para sempre. O ponto negativo na modalidade é que o professor não trabalha uma reflexão a favor do crescimento do aluno, pois mesmo detectando as falhas de aprendizagem, não se empenha em ajudá-lo a resolver suas dificuldades.

Nesse sentido Luckesi diz que:

A reprovação é um fenômeno que, historicamente, tem a ver com a ideologia de que se o estudante não aprende isso se da exclusivamente por responsabilidade dele. (...) Muitas outras razões, além do próprio aluno, podem conduzir ao fracasso escolar, com as políticas públicas que investem pouco no professor e no ensino, com baixos salários e problemas de infra-estrutura. (Luckesi, 2006, p.19).

Enquanto não houver uma mudança sobre a visão da avaliação como ato classificatório, há de se conviver com a realidade que faz parte do cotidiano escolar no que diz respeito à evasão, baixa auto-estima, reprovação e exclusão. Assim o fracasso escolar envolve vários motivos que vai além da aprendizagem, pois até mesmo o fazer pedagógico adotado pelo professor, não sendo satisfatório, pode contribuir na falta de estímulo do aluno.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

- Investigar o processo avaliativo na prática pedagógica do professor que atua nas séries iniciais com um olhar crítico e reflexivo sobre o contexto avaliativo.

2.2. Objetivos Específicos

- Identificar as práticas e metodologias utilizadas pelos docentes no processo de avaliação da aprendizagem dos seus alunos do 1º e 5º ano do ensino fundamental.
- Refletir sobre as práticas avaliativas no cotidiano escolar.
- Analisar as estratégias utilizadas pelos professores na sala de aula.

3. JUSTIFICATIVA

A avaliação no contexto tradicionalista era utilizada como instrumento de verificação da apreensão dos conteúdos de forma autoritária, elitista, unidirecional, quantitativa, repetitiva, memorizada e rígida, sendo que as notas tinham caráter punitivo e objetivo de medir o conhecimento. Nesse contexto, Saviani (1983, p.39), “Analisa a perspectiva do saber tradicional como um antídoto da ignorância, e seu papel se fundamentam em difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente”.

Nesse âmbito, compreendemos a escola como uma instituição centrada no professor, o qual transmite os conhecimentos, e cabe aos alunos assimilar os mesmos que lhes são transmitidos. No entanto, Behrens (2006, p.316) comenta que a “Visão conservadora de transmissão pura e simples dos conteúdos e a atitude de passividade por parte dos alunos precisam de um urgente repensar”, essa postura avaliativa penetrou de tal forma na prática educativa que a prova passou a ser utilizada como um instrumento de punição, enraizando-se desta forma na cultura dos educadores.

As ações metodológicas que envolvem a postura de escute, leia, decorem e repitam, conforme Behrens (2006, p.51) precisam dar lugar às ações que envolvam a discussão, a argumentação, a tolerância ao pensamento divergente, à sensibilidade de avaliação e seleção entre múltiplos determinantes do comportamento dos alunos.

Portanto, a evolução das práticas pedagógicas, foi herdada a partir de ideais tradicionalistas que tiveram seu papel importante para a ciência, porém, passaram a lecionar as disciplinas desvinculando o papel principal da educação, que é a formação integral dos alunos.

Historicamente a avaliação da aprendizagem escolar era exercida como prática ameaçadora, autoritária e seletiva. Podemos afirmar, então, que a prática avaliativa de hoje é uma herança desse período, que restringia a avaliação às provas e exames visando à classificação e seleção, além de não cumprir satisfatoriamente a tarefa relativa ao desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Porém, mesmo sendo realizada pelo professor principalmente de forma tradicional, esse método vem se transformando a cada dia, pois alguns docentes estão preocupados em avaliar seus alunos de forma global e levando em conta as individualidades do educando.

Segundo Luckesi (2008. p.19), o professor da atualidade tem a necessidade de, através de leituras e estudos, caracterizar o processo de avaliação com uma perspectiva de construção do conhecimento, de decisões e da formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

No processo de avaliação do educando, é necessário que o professor procure estabelecer objetivos claros e específicos para poder analisar com clareza o que o discente está compreendendo. O educador pode também utilizar esses objetivos para diagnosticar sua prática, pois se os alunos não conseguirem atingir os objetivos propostos, o professor precisa refletir sobre sua prática pedagógica.

Segundo Méndez (2002, p.39) afirma que:

Ensinar não é tão somente uma questão de conhecimento, mas também de modos de raciocinar. Aprender não é tão somente acumular conteúdos de conhecimento, mas também modos de raciocinar com eles até aprendê-los, Interiorizá-los e integrá-los á estruturas mental de quem aprende. (Méndez, 2002, p.39).

É importante que o professor avalie não só aprendizagem do aluno, mas também sua própria prática pedagógica. O papel mais importante do educador é diagnosticar o que a criança aprende e suas dificuldades, dessa forma ele assume o papel de observador e avaliador. Com vistas a promover uma aprendizagem significativa, o professor deve está sempre atento em sua prática, pois avaliar a aprendizagem de crianças, jovens e adultos não é julgá-los sobre algumas coisas, mas diagnosticar diante dos conteúdos que foram ensinados durante as aulas, como está se desenvolvendo a aprendizagem dessas crianças.

Com esta pesquisa pretende-se deixar claro, a importância do professor conhecer as consequências do ato de avaliar. Tão importante quanto o que, e como avaliar, são as decisões pedagógicas decorrentes dos resultados das avaliações, que não deve se restringir á reorganização da prática educativa encaminhada pelo professor no dia-a-dia, deve-se, referir também, a uma série de medidas didáticas complementares que necessitem de apoio institucional, como o acompanhamento individualizado feito pelo professor fora da classe, o grupo de apoio, as lições extras e outras atividades que cada escola pode criar ou até mesmo a solicitação de profissionais externos para debater sobre as questões emergentes ao trabalho.

O trabalho monográfico encontra-se estruturado em três capítulos. O capítulo um trata da metodologia, assim envolve a área de estudo em discussão, a apresentação do problema, a justificativa da escolha do tema, e os objetivos.

O capítulo dois faz uma abordagem sobre o referencial teórico, como também demonstrará a importância da avaliação da aprendizagem no contexto escolar, objetivando compreender o processo avaliativo como caráter dinâmico e participativo na construção do conhecimento e na ação docente.

O capítulo três é composto pela análise e interpretação dos dados obtidos através dos questionários abertos distribuídos a todos os professores do 1º ao 5º ano. Mas somente três professores foram analisados nessa investigação. Na conclusão foram feitas algumas reflexões a respeito do tema abordado e das constatações feitas durante o processo investigativo, além de apontar instrumentos utilizados para uma prática avaliativa que objetive uma educação de qualidade.

CAPÍTULO I

PERCURSO METODOLÓGICO

1.1. UNIVERSO DA PESQUISA

A escola pesquisada esta situada na Rua Anhanguera no bairro São Francisco onde tem aproximadamente 200 alunos matriculados e funciona nos turnos manhã e tarde. A mesma atende crianças e adolescentes do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano.

Ela possui 09 salas de aula, 01 diretoria, 01 secretária, 01 biblioteca, 01 auditório, 01 cantina, 01 área de serviço, 03 banheiros, 01 depósito, 02 áreas de lazer cobertas e 02 áreas de lazer abertas, sendo uma com grama e outra com piso, constatando que a escola apresenta boas condições físicas e materiais para desenvolver um trabalho de qualidade.

O seu corpo de funcionários é composto por 19 professores nos turnos manhã e tarde, uma coordenação, uma diretoria, 02 secretárias, 04 zeladoras e dois vigias, informando que todas as docentes cursaram ou estão cursando cursos superiores e especialização. Os discentes são compostos por 26 em cada sala nos turnos manhã e tarde. Para coleta de dados, foi utilizado questionário aberto que permitirá maior liberdade de respostas aos agentes da pesquisa. O público alvo desta pesquisa foi três professores do ensino fundamental de 1º ao 5º ano da escola Novo Mundo com duração de 02 (dois) dias consecutivos. A pesquisa desenvolvida serviu para proporcionar ao docente um melhor aproveitamento dentro do processo avaliativo, a mesma trata-se de um estudo de natureza qualitativa, onde permitirá uma melhor compreensão do objeto pesquisado.

Segundo SANTOS (1990, p.24). A pesquisa é uma atividade que visa despertar o espírito de busca intelectual e autônoma.

Neste caso, o pesquisador não intervém, oportunizando o participante expressar-se á vontade, expondo seu posicionamento sobre o tema em debate. Realizadas pelo pesquisador e por questionários respondidos pelos professores participantes.

O principal objetivo deste estudo é analisar e proporcionar ao educador um melhor aproveitamento dentro do processo avaliativo. Desta forma, a pesquisa foi realizada com todos os professores dessa instituição. São considerados os sujeitos dessa pesquisa apenas 03 professores que lecionam para o 1º e 5º ano do Ensino Fundamental.

O questionário foi elaborado de acordo com o referencial teórico, a fim de saber quais os instrumentos avaliativos são utilizados pelos professores na sua prática pedagógica.

1.2. INSTRUMENTO DA PESQUISA

Para a coleta de dados dessa pesquisa, utilizamos questionário aberto, com quatro perguntas, para todos os professores da Escola Novo Mundo, onde os três professores foram analisados nessa investigação. Onde Segundo Gil (199, p.30).

“[...] o questionário é um instrumento de fácil aplicação e vantajoso, visto que garante o anonimato das respostas e permite que as pessoas o respondam no momento que julgarem mais convenientes.” (GIL, 1999, p.30).

Assim, escolheu – se os o questionário como maneira de obter respostas claras e objetivas e por serem respostas com um tempo maior e num horário favorável para os sujeitos da pesquisa.

1.3. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Foi convidado á participar da pesquisa todos os professores da escola, não havendo recusa de participação. Mas somente três professores foram analisados nessa investigação. Para sistematização da pesquisa usarei alguns nomes fictícios P1, P2 e P3, como forma de mantê-los no anonimato preservando assim suas identidades.

A professora P1 tem 10 magistérios e possui graduação em Normal Superior e sua turma é constituída por 26 alunos. Enquanto que a educadora P2 tem 20 anos atuando no Ensino Fundamental e tem 26 alunos. Assim a P3 tem 15 de profissão e possui o curso de Pedagogia.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA INVESTIGAÇÃO

Quando se fala em avaliação a primeira impressão que nos dá é de uma sala de aula cheia de alunos fazendo prova. Porém, essa não é uma prática apenas escolar. A avaliação é um processo que faz parte de nossa vida. Quando recebemos um elogio ou uma crítica é porque fomos avaliados em alguma coisa.

Podemos avaliar várias coisas em uma pessoa, como: o comportamento, a maneira como organiza seu jeito de falar e de agir, assim podemos criar conceitos sobre esta pessoa, causados pelas impressões que a mesma nos transmite.

Segundo Hadji (1994 p 20):

“Para avaliar, é preciso ter a sensação de que as coisas valem. Eu não poderia avaliar, bem sem saber algo do qual não esperasse nada. O ato de avaliação implica deste modo, uma relação não indiferente com o mundo, pois capaz de responder ou não, às expectativas valorizadas. Foi o que denominamos impossível indiferença”. (Hadji 1994, p 20).

Assim para avaliarmos algo, temos que saber o que estamos avaliando sem esperar uma resposta pronta e acabada. Na escola, a avaliação sempre se fez presente e necessária, como forma de medir o aprendizado do aluno, de forma individual, através das provas. Há poucos anos era comum a aplicação de somente uma prova para cada matéria, o aluno tinha somente essa forma de ser avaliado.

Portando, outras competências do indivíduo não eram consideradas, o que prejudicava aqueles que não conseguiam uma nota favorável. A prova deve ser complemento de outras avaliações se o aluno não estivesse bem no momento da prova, nervoso ou ansioso, apresentando algum problema de saúde ou emocional, ficaria prejudicado devido ao modelo de avaliação, que era autoritário.

Segundo Ana Maria Avelã Saul (1995, p.151), "A avaliação está se tornando o centro da aula, em torno do qual tudo gira. Só que em vez de centralizar a ação nos processos de ensino-aprendizagem que envolve as pesquisas e as relações professor-aluno, tudo é voltado para a avaliação." Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei

nº 9.394/96. Essa visão mudou. Passou-se a avaliar o aluno em outros aspectos, considerando todo o seu potencial diante do processo ensino aprendizagem, através da participação em sala, envolvimento nas atividades propostas em sala de aula, tarefas e trabalhos de casa, responsabilidades com a entrega dos mesmos, somando-se todos esses para fazer o fechamento da média do aluno.

Assim sendo avaliação deve ser feita como um processo contínuo, ao longo do período escolar, estando integrada aos objetivos do fazer do professor, que devem ser bem definidos. Assim o contexto histórico da avaliação no Brasil tem como foco uma sociedade de economia agrária, exportadora dependente, explorada pela metrópole, a educação não era considerada um valor social importante.

No período colonial a tarefa educativa estava voltada para a catequese e instrução indígena, ministrada pelos Jesuítas que foram os principais educadores dessa época e atuaram no Brasil de 1549 a 1759, mas para a elite colonial outro tipo de educação era oferecido, os filhos dos senhores da corte iam para a Europa, onde teriam uma educação diversificada.

De acordo com Saviani (art. 2009) esses eram os alicerces da pedagogia tradicional na vertente religiosa, marcada por uma visão especialista do homem, isto é, o homem constituído por uma essência universal e imutável. A ação pedagógica dos jesuítas, nas normas para a orientação dos estudos escolásticos, seja nas classes inferiores ou superiores, ainda que definissem com rigor os procedimentos a serem objetivados na construção de hegemonia católica, contra as possibilidades heréticas, especialmente as protestantes, tinham uma atenção especial com o ritual de provas e exames.

Assim o plano de instrução tinha o ideal da formação do homem universal, humanista e cristã. A educação se preocupava com o ensino dessa cultura geral, enciclopédico e alheio à realidade da vida da colônia.

A ação pedagógica dos jesuítas foi marcada pelas formas dogmáticas de pensamento crítico, que privilegiavam o exercício da memória e o desenvolvimento do raciocínio. As aulas eram ministradas de forma expositiva, a repetição visava decorar e expor, os conteúdos, o desafio estimulando a competição, a disputa. Os exames eram orais e escritos, visando avaliar o aproveitamento do aluno. Seu caráter era meramente formal, tendo por base o intelecto, o conhecimento e marcado pela visão essencialista do homem.

Após os jesuítas não ocorrerem grandes mudanças no país, no campo pedagógico, foram poucas as mudanças sofridas pela sociedade colonial durante o Império e a República. A nova organização instituída por Pombal, pedagogicamente representou um retrocesso, pois os professores leigos começaram a ser admitidos para as aulas.

Segundo Luckesi (2003, p. 16):

“A tradição dos exames escolares, que conhecemos até em nossas escolas, foi sistematizada nos séculos XVI e XVII, com as configurações das atividades pedagógicas produzidas pelos jesuítas (século XVI), pelo bispo protestante John Amós Comênius (fim do século XVI e primeira metade do século XVIII)”. Exames escolares, como são praticados hoje na nossa escola, foram sistematizados como o advento da modernidade e sua conseqüente prática”. (Luckesi, 2003, p. 16).

Assim a pedagogia Comeniana, insiste na atenção especial a que se deve dar a educação, como centro de interesses da ação do professor, também não obscurecendo o uso de provas e exames como meio de estimular os alunos, que aprenderão com muita facilidade, sem fadiga e com economia de tempo.

Por volta de 1870, época de expansão cafeeira e da passagem de um modelo agrário exportador, para um urbano comercial importador, o Brasil vive seu período de “Iluminismo” tomam corpo movimentos cada vez mais independentes da influência religiosa,

No campo educacional, suprime-se o ensino religioso das escolas públicas, passando o estado a assumi-la. Sobre a influência do positivismo, a escola busca disseminar uma visão burguesa do mundo e da sociedade, a fim de garantir a consolidação da burguesia industrial como classe dominante.

No período de 1930 a 1940, a didática tradicional começa a ser renovada, desencadeando o movimento de reorganização, lançando-se o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, preconizando a reconstrução social da escola, cujo período é marcado pelo equilíbrio entre as influências da concepção humana tradicional e humanista moderna, que também não acrescentou mudanças significativas.

Ao longo da história da educação moderna e ao longo da prática educativa, a avaliação através de exames e provas foi se tornando, uma “entidade” criada pelo ser humano para atender sua ~~fl~~ necessidade, tornando-se independente dela e universalizando.

A cultura avaliativa não se faz de uma hora para outra, há toda uma engrenagem, uma rede de significados que tecem e na qual ela também faz a sua tessitura - constrói significado e significações, enquanto é ação política/prática social. Na história da avaliação educacional, constata-se que alunos e professores, frequentemente tem sido alvo dos interesses dos avaliadores, sobre múltiplas e variadas perspectivas.

Hoje, a avaliação passa a ser tema obrigatório de debate e discussão em todos os meios, continuando sendo o mais frequente objeto de análise no contexto escolar. A avaliação, que durante décadas foi considerada como um instrumento ameaçador e autoritário vem passando por profundas transformações, de acordo com a concepção de educação e o compromisso assumido pelos agentes educacionais envolvidos. No entanto, continua sendo utilizada como um dos grandes entraves da educação moderna.

Portanto o processo avaliativo enquanto instrumento de formação do professor tem sido mais um dos desafios enfrentados pelo professor no seu cotidiano escolar. O saber avaliar, como avaliar, para quê avaliar e quais as contribuições que esses instrumentos avaliativos vão favorecer a qualidade de educação que pretendemos averiguar no decorrer de nosso trabalho.

Como afirma Celso Vasconcelos (2005, p. 130):

A discussão sobre o instrumento preparado pelo professor tem se revelado um bom caminho de formação em avaliação, uma vez que possibilita a reflexão o respeito do que ele quer (ajuda a clarear as finalidades do ensino) e sobre o que realmente está exigindo dos alunos (se é o essencial, se a formação está apropriada, etc.), (Celso Vasconcelos, 2005, p.130).

O professor precisa conhecer o processo avaliativo de forma que saiba identificar as diversidades culturais dos alunos. Entender que estamos buscando uma avaliação qualitativa, visando à formação integral do aluno cidadão, para que ele saiba atuar na sociedade de forma digna, solidária e competente. Mas, para que isso ocorra, é importante que o professor se conscientize de que avaliar é mais um desafio que pretendemos vencer de forma processual e dinâmica, tendo a capacidade de mudar nossos instrumentos avaliativos, proporcionando aos alunos prazer em aprender e a construir novos conhecimentos.

A arte de ensinar e de aprender está nas mãos do educador que busca inovar e acredita que o conhecimento universal possa ser compartilhado, incluindo os cidadãos na

sociedade. No entanto, as mudanças somente ocorrerão quando nós professores buscarmos, por meio da pesquisa, investigar novas formas de viabilizar o processo avaliativo, visando à formação do aluno cidadão e trazendo para a sala de aula prazer em ser avaliado com qualidade e profissionalismo.

Compreende portanto que a avaliação no contexto brasileiro é recorrente a ideia de contrapor a avaliação tradicional à avaliação progressista. A primeira, centrada no uso de provas formais aplicadas em determinados períodos para mensurar a capacidade do aluno de reproduzir o que foi ensinado, o que o professor transmitiu, tendo por objetivo a verificação dos resultados para efeito de classificação do aluno; a segunda, a progressista, vendo o aluno como um todo, enfatiza o processo e é realizada continuamente com a utilização de técnicas variadas, objetivando chegar a um diagnóstico que forneça elementos para o redirecionamento da ação educativa.

Partindo dessa primeira distinção, poderíamos dizer que a mudança da prática avaliativa passa pelo desafio de conferir-lhe uma nova intencionalidade. No entanto, a apreensão desse processo exige que se situe a avaliação na totalidade mais ampla da escola, em sua vinculação com a sociedade, visto que a articulação entre a forma de conduzir a avaliação e os demais componentes do processo educativo evidencia a impossibilidade de tratar a avaliação de forma isolada.

Decisões quanto à forma e ao conteúdo dos instrumentos utilizados na verificação de aprendizagens cognitivas envolvem questões bem mais complexas em termos do que, para que e como avaliar.

Segundo Freitas (1995, p.94),

“Os objetivos sociais medeiam e produzem limites para o desenvolvimento do trabalho pedagógico na sala de aula, e os procedimentos de avaliação garantem o controle da consecução desses objetivos que traduzem a função social seletiva da escola capitalista. “Essa função social da escola, incorporada aos objetivos, bem como às práticas avaliativas, passa a fazer parte da própria organização do trabalho pedagógico”. (Freitas, 1995, p.94).

As concepções de avaliação, na escola, são ainda subsidiárias de uma determinada forma de trabalho pedagógico, que inclui metodologia, relação professor-aluno e concepção de aprendizagem para o autor mencionado a prática, a organização da escola, as condições objetivas de trabalho como fatores determinantes no ensino e na avaliação acabam

favorecendo a cristalização do ritual avaliativo que mascara a realidade (mesmo que não o consiga plenamente, em face das contradições) em vez de favorecer a compreensão, explicação e intervenção nessa realidade.

A avaliação da aprendizagem reproduz essa mesma orientação, contrariando a concepção progressista já incorporada ao discurso dos professores.

Conforme Enguita, (1989, p.134):

O campo do discurso escolar presta-se mais à iniciativa pessoal do professor que o das práticas escolares, o primeiro configurando uma área de variabilidade, decisão pessoal e autonomia, enquanto o segundo apresenta-se como um campo cuja organização está dada de antemão. É muito fácil saltar um ou vários temas de um programa e acrescentar outros que não estavam previstos, comprimir uns e enriquecer outros ou mudar o enfoque de qualquer deles. Entretanto, é muito difícil alterar realidades, como a organização individualista do trabalho dos alunos, a avaliação quantitativa de seu rendimento ou, simplesmente, o horário letivo. (Enguita, 1989, p.134).

Mudar é um ato de coragem que exige posicionamentos definidos quanto à direção que queremos dar às nossas ações, a partir do entendimento que temos da função da escola e do projeto social que defendemos. Mudar a prática avaliativa, sem ficarmos nas “[...] meias mudanças que são uma forma de não mudar” (Freire, 1976, p.39), exige discutir o direito à formação básica e universal e buscar um novo ordenamento escolar que assegure essa formação (Arroyo, 1997, p.23). Nessa perspectiva, algumas questões precisam ser examinadas para não nos deixarmos levar pelos discursos enganosos de qualidade total e de excelência, que aprimoram o caráter seletivo e excludente da escola contra a democratização social. E é nessa perspectiva que os doutrinadores enfatizam três princípios na avaliação mediadora:

1. PRINCÍPIOS DE AVALIAÇÃO MEDIADORA

1.1. AVALIAÇÃO COMO UM PROJETO DE FUTURO

Garantir a todas as crianças e jovens uma aprendizagem para toda a vida. Para tanto é preciso acreditar que não existe “o não aprender”, mas jeitos e tempos diferentes de aprender e de aprender sobre a vida. É preciso, sobretudo, respeitar a diversidade dos educados se pretendemos formar para a cidadania, reconhecendo a todos como dignos de educação e respeito.

1.2 . VALOR E/OU QUALIDADE DA APRENDIZAGEM

Entender que valor e/ou qualidade da aprendizagem são parâmetros sempre subjetivos e arbitrários, portanto, devem ser sempre temas de reflexão e consenso coletivo dos educadores. Tais parâmetros precisam ser considerados mutáveis, contextuais e éticos, condizentes com as concepções defendidas em cada área do conhecimento.

1.3. RELAÇÃO DA APRENDIZAGEM CONSIGO MESMO E COM OS OUTROS

Acreditar que toda a aprendizagem se dá na relação do saber consigo mesmo, com os outros e com os objetivos do saber, de modo a desenvolver uma prática avaliativa que privilegie a expressão própria do pensamento dos alunos, a oportunizá-los vivências em ambientes interativos, tornar disponíveis múltiplas e ricas fontes de informação sobre os objetos do saber. E de forma a garantir essas três condições de aprendizagem, todo o tempo e harmoniosamente, no ambiente escolar.

Os conhecimentos, as habilidades, as atitudes e os hábitos, bem como a maneira de ser do professor, indicam as crenças e os propósitos em relação ao seu papel social e profissional diante dos alunos. Se o professor demonstra desatenção à criança pobre ou malsucedida, isso pode estar indicando uma discriminação social com essa criança. Se não se empenha na organização dos alunos, nos hábitos de higiene, no relacionamento entre as crianças, indica que não valoriza esses aspectos. Atitudes de favoritismo por certos alunos, de preconceito social, de ironia em relação ao modo dos alunos se expressarem e agem. São antidemocráticas, portanto deseducativas.

A avaliação é um ato pedagógico: Nela o professor mostra as suas qualidades de educador na medida em que trabalha sempre com propósitos definidos em relação ao desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais dos alunos face às exigências da vida social. Entretanto, o fato de o processo de avaliação ter como referência os objetivos do ensino não significa que estes possam ser determinados apenas com base na matéria do programa oficial ou do livro didático. Os objetivos devem expressar também as reais possibilidades dos alunos de modo que estejam em condições de cumprir as exigências colocadas pela escola.

A avaliação escolar, portanto, envolve a objetividade e a subjetividades, tanto em relação ao professor como aos alunos. Se somente levar em conta aspectos objetivos, acaba tornando-se mecânica e imparcial; atendo somente às necessidades e condições internas dos

alunos, pode comprometer o cumprimento das exigências sociais requeridas da escola.

Para superar criativamente essa aparente ambiguidade entre o objetivo e o subjetivo, o professor precisa ter convicções éticas, pedagógicas e sociais. Ao fazer a apreciação qualitativa dos resultados escolares, levará em conta os seus propósitos educativos. O fato do aluno ser pobre não justifica tolerância com um desempenho escolar fraco, pois o professor deve exigir de todos uma sólida assimilação de conhecimentos. Por outro lado, não é democrático estabelecer objetivos cujo alcance esteja acima das reais possibilidades dos alunos. Nem por isso, por determinados objetivos, de vem-se rebaixar as exigências em termos de rendimento escolar.

A avaliação escola é um processo contínuo e sistemático deve ocorrer-nos mais diferentes momentos do trabalho do professor. A verificação e a qualificação dos resultados da aprendizagem no início, durante e no final das unidades didáticas, visam sempre diagnosticar e superar dificuldades, corrigir falhas e estimular os alunos a que continuem dedicando-se aos estudos. Sendo uma das funções da avaliação determinar o quanto e em que nível de qualidade está sendo atingidos os objetivos, são necessários instrumentos e procedimentos de verificação adequados. Ou seja, durante o desenvolvimento da unidade acompanha-se o rendimento dos alunos por meio de modalidades avaliativas.

A avaliação está relacionada aos objetivos, pois a formulação feita em termos comportamentais exige um constante controle durante todo o processo de ensino. Deste modo é possível observar três diferentes modalidades de avaliação: somativa, formativa e diagnóstica.

2. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

2.1. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Na visão da avaliação diagnóstica, a concepção de educação passa a ver o educando como sujeito de sua própria aprendizagem. Nessa perspectiva, a avaliação não pode centrar-se nos produtos, mas sim no processo, em primeiro plano, sem comparação com padrões externos. O foco deixa de ser apenas o aluno.

A avaliação diagnóstica é muito complexa, já que envolve uma rede de relações em que estão incluídos aquele que ensina e aquele que aprende. Essa avaliação é utilizada por quem acredita que a pessoa humana é sempre capaz de crescer.



Pois, segundo Luckesi (1995,p.43):

Constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a competência, pois como diagnóstico ela será sempre um momento dialético do senso do estágio em que se está e a de sua distância em relação à perspectiva que está colocada como ponto a ser atingido à frente. (Luckesi, 1995, p43).

Um dos propósitos da avaliação com função diagnóstica é informar o professor sobre o nível de conhecimentos e habilidades de seus alunos, antes de iniciar o processo ensino-aprendizagem, para determinar o quanto progrediram depois de um certo tempo.

No início do período letivo ele precisa fazer uma avaliação diagnóstica da classe, para verificar o que os alunos aprenderam ao longo dos períodos anteriores, isto é, qual a bagagem cognitiva que eles estão levando para aquela série.

Assim, percebe-se que a avaliação diagnóstica, rapidamente se divulgou na literatura pedagógica brasileira, em especial na área de didática e formação de educadores, Em relação a que diz Luckesi (1984, p.74), para nomear sua teoria sobre a avaliação da aprendizagem. Sua abordagem processual e qualitativa deveria pautar todos os procedimentos avaliativos, garantindo que a avaliação fosse um processo contínuo, compartilhado, sistemático e efetivamente democrático, comprometido com as aprendizagens dos educandos.

2.2. AVALIAÇÃO FORMATIVA

Outra forma de avaliação é a formativa, com função de controle, sua realização é no decorrer do ano letivo, com a intenção de verificar se os educandos estão alcançando os objetivos previstos, isto é, os resultados obtidos durante o desenvolvimento das atividades propostas.

A avaliação formativa constrói-se num processo compartilhado, dialógico, formativo por excelência tanto para professores como para alunos, e isto toca numa questão política de organização da escola, de gestão dos processos pedagógicos e, sobretudo, de gestão das políticas públicas de educação curriculares, de avaliação, entre outras. A função da avaliação numa visão mais restrita seria: recolher informações nos objetivos, utilizando instrumentos válidos e precisos, interpretar informações recolhidas com base em critérios preestabelecidos, identificando objetivos atingidos e não atingidos, planejar atividades de recuperação para os alunos que não atingiram os critérios estabelecidos. Segundo (Haydat 1995, p.18) “Esse tipo de avaliação pode servir como meio de detectar e identificar

deficiências na forma de ensinar, possibilitando reformulações no seu trabalho didático, visando aperfeiçoá-lo.” Esse controle feito de forma organizada é o que fará com que ocorra o melhor desempenho do aluno.

Sant’ Anna (2003, p.34) concorda ao afirma que essa avaliação:

“É realizada com o propósito de informar o professor e o aluno sobre o resultado da aprendizagem, durante o desenvolvimento das atividades escolares. Localiza deficiências na organização do ensino aprendizagem, de modo a possibilitar reformulação no mesmo e assegurar o alcance dos objetivos”. (Sant’ Anna, 2003, p.34).

Assim, a avaliação formativa numa visão mais ampla visa buscar a compreensão e o funcionamento cognitivo do aluno face da tarefa proposta. Nesse sentido, determina se o educando tem domínio gradativo de cada etapa da instrução, antes de caminhar para a etapa seguinte do processo de ensino e aprendizagem. É nessa modalidade de avaliação que o aluno percebe seus erros e acertos e encontra estímulo para um estudo sistematizado. A avaliação formativa propicia orientar tanto o aluno no estudo como o professor no trabalho, pois pode ser utilizada como um recurso de ensino e como uma fonte de motivação.

2.3. AVALIAÇÃO SOMATIVA

A avaliação somativa, tem função classificatória, sua realização é no final de um curso, período letivo ou unidade de ensino, e consiste em classificar os alunos de acordo com os níveis de aproveitamento previamente estabelecidos, geralmente tendo em vista sua promoção de uma série para outra.

É uma visão mecanicista de educação, onde o professor é o dono do saber e os alunos passivamente acatam suas verdades, bem como as dos livros didáticos e das apostilas utilizadas. A avaliação recai sobre os acertos, onde é estimulada a competição. O aluno estuda apenas para obter resultados convenientes, para “passar de ano”.

Nesse caso, utiliza-se a avaliação classificatória, comparada por Gandim (1987, p.41) aquela feita pelo agricultor que separa, ao final da colheita, as laranjas boas das ruins, referindo-se apenas ao passado, sem a possibilidade de um diagnóstico para melhorá-las.

Diante do relato exposto pelo autor acima, pode-se afirmar que a avaliação somativa consiste em atribuir ao aluno uma nota ou conceito final para fins de promoção. Tradicionalmente, é com essa função que a avaliação tem sido mais usada na escola. A mesma supõe uma comparação, pois o aluno é classificado segundo o nível de aproveitamento

e rendimento alcançado, geralmente em comparação com os demais colegas, isto é com o grupo.

3. INSTRUMENTOS AVALIATIVOS

Os instrumentos de avaliação da aprendizagem devem ser largamente utilizados ao longo do período letivo. Esses instrumentos de avaliação devem permitir ao professor colher informações sobre a capacidade de aprendizado dos alunos, medida, em especial, pela competência dos mesmos para resolver problemas e instrumentalizar o conhecimento para a tomada de decisões. Cabe ao professor da disciplina, definir os instrumentos que serão utilizados para melhor acompanhar o processo de aprendizado de seus alunos.

- Não existem instrumentos específicos de avaliação capazes de detectar a totalidade do desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. É diante da limitação que cada instrumento de avaliação comporta que se faz necessário pensar em instrumentos diversos e mais adequados com suas finalidades, para que deem conta, juntos, da complexibilidade do processo de aprender.

Segue alguns exemplos de instrumentos de avaliação:

3.1. OBSERVAÇÃO

O ato de observar é uma característica própria e é através dele que informamos sobre o contexto em que estamos, para nele nos situarmos de forma satisfatória de acordo com normas e valores dominantes.

Através da observação de atividades livres, no recreio, individuais e outros, os educadores podem conhecer melhor os alunos, analisar seu desempenho nas atividades em sala de aula e compreender seus avanços e dificuldades. Ao mesmo tempo, os alunos poderão tomar consciência dos processos vividos pelo grupo.

Nesse sentido, Dalben (1999, p. 78) diz:

Este novo conceito de avaliação defende uma nova concepção de trabalho pedagógico, alterando a perspectiva transmissiva de processo de ensino. Proclama uma interação permanente: professor x aluno x conhecimento e, neste contexto, o sentido da avaliação direciona-se para um processo de investigação contínua e dinâmica da relação pedagógica como um todo. (Dalben 1999, p.78).

Nessa perspectiva, o processo de ensino é um desafio para o professor, e também transpassa o modelo de avaliação antiga, quantitativa, valorizando o aluno como ser social e histórico. O educador deverá estar atento à investigação das questões que merecem maior investimento pedagógico e, conseqüentemente, alteração nos encaminhamentos didáticos.

3.2. REGISTRO EM FICHAS

Tem como função acompanhar o processo educativo vivido pelos alunos e professores, é através dele que se torna possível realizar uma análise crítica e reflexiva do processo de avaliação. Permite aos educadores perceberem e analisarem ações e acontecimentos, muitas vezes despercebidos no cotidiano escolar.

Contribui para que os dados significativos da prática de trabalho não se percam. Alguns recursos podem ser utilizados, são eles:

- Caderno de campo do professor: registro de aulas expositivas, anotações em sala de aula, projetos, relatos, debates, etc.
- Caderno de Anotações para cada grupo de alunos: anotações periódicas sobre acontecimentos significativos do cotidiano escolar.
- Diário do aluno: registro de caráter subjetivo ou objetivo que aluno e professores fazem espontaneamente.
- Arquivo de atividades: coleta de exercícios e produções dos alunos, datadas e com algumas observações rápidas do professor. Esse arquivo serve como referência histórica do desenvolvimento do grupo.

Segundo Freire (2002, p. 83):

Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação. A que, operando a superação da contradição educador-educandos, se instaura como situação gnosiológica, em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza. (Freire 2002, p.83).

Agindo assim, o educador possibilita ao aluno a oportunidade de elaborar seu pensamento, aprofundar a compreensão que tem de si, do outro, do mundo, do contexto social mais amplo. Este método de ensino dialógico acompanha algo da maiêutica socrática⁶, fazendo com que o aluno por si, sobre a orientação do professor possa elaborar conhecimento e adquirir informações.

3.3. DEBATE

O debate nos permite nas situações de interação, trocar ideias com as pessoas, compreender e respeita o conhecimento dos outro, Favorável para que alunos e professores incorporem conhecimentos, exige que se expressem com suas próprias palavras, exemplifiquem e estabeleçam relações com outros conhecimentos, pois os alunos expõem à turma suas formas de compreender o tema em questão.

Segundo LIBÂNEO (1994, p.250):

“O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.” (LIBÂNEO 1994, p.250):

O debate traz diversas vantagens para um ensino e aprendizagem, pois tem como objetivo a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade, principalmente porque desenvolve nos alunos a habilidade da argumentação. Mostramos também que essa atividade, como prática em sala aula, representa uma alternativa para os docentes que procuram soluções mais criativas e motivadoras para suas aulas.

3.4. AUTO – AVALIAÇÃO

Como o próprio nome diz, trata-se de uma avaliação do aluno sobre si mesmo, sobre suas ações, suas aprendizagens e é preciso que se criem oportunidades para que isso aconteça. É como uma leitura pessoal de suas conquistas, seus avanços e necessidades, observando limites e pontos de superação. É com essa perspectiva que a auto-avaliação e a avaliação entre pares, se constituem em dois instrumentos possíveis e relevantes para a obtenção de informações no processo de avaliação escolar.

A auto-avaliação pode conferir ao aluno uma posição diferente, fazendo dele não um simples executor de ordens, mas alguém que tem clareza das metas do projeto, das críticas ao seu trabalho, domínio de seu caminhar. Para que a auto-avaliação funcione é necessário que os alunos aprendam a fazê-la e que o professor se questione sobre como começar e quando. A prática indica que desde a Educação Infantil é possível promover a auto-avaliação.

Nessa faixa de escolaridade os alunos podem, individualmente, em duplas ou em grupos, sentar-se diante de imagens de suas atividades – fotos, desenhos, materiais que

utilizaram – e conversar sobre o que aprenderam quanto: as realizações, o que foi fácil, o que foi difícil, como podem fazer para superar obstáculos.

É uma atividade de reflexão fundamental na aprendizagem, que visa levantar:

- O caminho percorrido pelo aluno para às suas respostas e resultados;
- As evidências de que conseguiu aprender;
- As evidências das dificuldades que ainda enfrenta e, a partir delas, o reconhecimento das superações que precisam ser conquistadas.

Assim incentivando a consciência crítica dos alunos, em relação aos modos de agir que utilizam frente às tarefas que lhes são propostas.

Segundo FERNANDEZ (1996, p. 82).

"é essencial para o aluno à capacidade de auto-avaliação, de direção pessoal de seus próprios caminhos para a busca da aprendizagem". Através da auto-avaliação, o indivíduo tem oportunidade de desenvolver a capacidade crítica, iniciando estas atividades com as análises voltadas para si próprias, para suas relações com o conhecimento e com os outros, através da autocrítica. " (Fernandez 1996, p.82).

A auto-avaliação é necessária em todos os momentos da vida do indivíduo, ajudando-o a desenvolver um conceito mais realista de si próprio. Isso vai contribuir para um maior ajustamento social. E para o reconhecimento da necessidade de seu esforço pessoal na busca de um maior desenvolvimento.

O indivíduo deve estabelecer um paralelo entre o que ele pensa sobre si próprio e o que os outros pensam dele e analisar as diferentes percepções para verificar se há e onde estão as discrepâncias.

3.5. TRABALHO EM GRUPO

É todo tipo de produção realizada em parceria pelos alunos, sempre orientadas pelo professor. Estimula assim nos alunos à cooperação e realização de ações conjuntas, propiciam um espaço para compartilhar, confrontar e negociar ideias. É necessário que haja uma dinâmica interna das relações sociais, mediada pelo conhecimento, potencializado por uma situação problematizada a, que leve o grupo a colher informações, explicar suas ideias, saber expressar seus argumentos.

Permite um conhecimento maior sobre as possibilidades de verbalização e ação dos alunos em relação às atividades propostas. Onde é necessário considerar as condições de

produção em que se deram: o tempo de realização, o nível de envolvimento e de compromisso dos alunos, os tipos de orientações dadas, as fontes de informação e recursos materiais utilizados.

Segundo FREIRE (1995, p. 24).

“Estudar, estudamos conversando sozinhos com o nosso outro, mas construir conhecimento é no grupo que se dá. Aprende-se em grupo porque nele se exercita nossa energia vital que no faz amar, odiar, destruir e construir”.
(Freire 1995, p.24).

É em grupo que a nossa interação como próximo se completa. É na troca de experiência que se aprende, tanto entre alunos, como entre os professores.

3.6. PARTICIPAÇÃO EM SALA DE AULA

Trata – se de analisar o desempenho do aluno em fatos do cotidiano da sala de aula ou em situações planejadas. Permitindo que o professor perceba como os alunos constrói o conhecimento, já que é possível acompanhar de perto todos os passos desse processo. É necessário que o professor faça anotações no momento em que os fatos a serem considerados ocorrem, ou logo em seguida, para que sejam evitadas as generalizações e os julgamentos com critérios subjetivos. Habilita o professor a elaborar intervenções específicas para cada caso e sempre que julgar necessário.

Segundo ANTUNES (2003, p. 34).

“É essencial que o espaço da sala de aula seja o espaço da discussão, da oposição, das divagantes interpretações. Quando se enfatiza sobre que tipo de escola queremos e que tipo de alunos almejamos, a resposta é sempre uma escola democrática e um aluno crítico, participativo e atuante socialmente”(Antunes 2003, p.34).

Para isso o professor precisa usar metodologias que abram cada vez mais espaço, para que o aluno tenha oportunidade de se expressar e de dialogar na troca de informações.

3.7. SEMINÁRIO

É a exposição oral que permite a comunicação das informações pesquisadas de forma eficaz, utilizando material de apoio adequado.

Na exposição de Seminário a intenção é observar quais os aspectos tematizados foram apropriados pelos alunos, avaliar quais as oportunidades foram criadas para que as informações fossem tratados pelos diferentes elementos do grupo. Postura, utilização de recursos tecnológicos, circulação na sala e possibilidade de participação de todos da sala dos novos conceitos e conteúdos.

Segundo WACHOWICZ (2006, p. 136).

“Uma vantagem do Seminário em relação aos demais Instrumentos é que o professor pode avaliar o aluno em conjunto com os demais alunos, de uma forma didática, realizando a avaliação durante a aula, sem perder tempo com os registros individuais. Porém, o cuidado a ser tomado é no sentido de “não desvirtuar a prática do Seminário pelo espontaneísmo que às vezes é praticado pelo professor, ao não interferir nas apresentações. Ele deve intervir, assim como o ambiente instituído em aula deve ser favorável à intervenção dos demais alunos” (Wachowicz, 2006, p. 136).

Contribuído assim para uma aprendizagem tanto do ouvinte como do expositor, pois exigem desta pesquisa, planejamento e organização das informações, além de desenvolver a capacidade de expressão em público.

3.8. PORTFÓLIO

Volume que reúne todos os trabalhos produzidos pelo aluno durante o período letivo. Presta – se tanto para a avaliação final como para a avaliação do processo de aprendizagem do aluno.

Evidencia as qualidades do estudante, registra seus esforços, seus progressos, o nível de raciocínio lógico atingido e, portanto, seu desempenho na disciplina. Também ensina ao aluno a organização.

Segundo RIBAS (2007, p. 158).

A avaliação por portfólios possibilita maior individualização do trabalho pedagógico. “O portfólio é a coleção de trabalhos e atividades produzidos pelos alunos, adequadamente organizada, que revela, com o passar do tempo, os diversos aspectos do crescimento e desenvolvimento de cada um em particular” (Ribas, 2007, p. 158).

Tendo a finalidade de auxiliar o educando a desenvolver a capacidade de refletir e avaliar seu próprio trabalho.

3.9. PROVA DISSERTATIVA

Caracteriza – se por apresentar uma série de perguntas (ou problemas, ou temas, no caso da redação), que exijam capacidade de estabelecer relações, de resumir, analisar e julgar.

De acordo com MÉNDEZ (2002, p.117).

Para recuperar o valor formativo dos exames, é necessário fazer pergunta inteligente como condição de qualidade nas exigências de aprendizagem. Se realmente pretendemos desenvolver a inteligência, é necessário fazer perguntas que a estimulem, e não que a paralise ou a limitem a tarefas que não exigem reflexão, tarefas de repetição e de memória sem sentido, ou, o que é pior, a esclerosem (Méndez, 2002, p.117).

A avaliação dissertativa tem a capacidade de analisar um problema central, abstrair fatos, formular ideias e redigi – las: permite que o aluno exponha seus pensamentos, mostrando habilidades organização, interpretação e expressão.

3.10. PROVA COM CONSULTA

Apresenta características semelhantes às provas dissertativas, diferenciando – se pelo fato de o aluno pode consultar livros ou apontamentos para responder.

Segundo MASETTO (2001, p. 101)

“A prova com consulta ajuda o aluno a resolver um caso, a escolher as fontes adequadas para delas retirar informações que lhe faltam. Comentários escritos, resenhas, sínteses, relatórios de grupos oferecem novas oportunidades de aprender”. (Masetto 2001, p. 101).

Se bem elaborada, pode permitir que o aluno demonstre não apenas o seu conhecimento sobre o conteúdo objeto da avaliação, mas ainda, a sua capacidade de pesquisa, de buscar a resposta correta e relevante.

3.11. PROVA OBJETIVA

Caracteriza-se uma série de perguntas diretas para respostas curtas, com apenas uma solução possível ou em que o aluno tenha que avaliar proposições, julgando-as verdadeiras ou falsas.

Segundo MÉNDEZ (2002, p.121):

Basta-se uma folha perfurada para comprovar acertos/erros, verdadeiro/falsas respostas dos alunos, e que automaticamente você interpreta como evidência de aprendizagem ou de ignorância, é bom sintoma cuidados pois faz com que se pense que aquele exercício de avaliação não está a serviço da aprendizagem, embora costume facilitar muito a tarefa de quem deve corrigir. (Méndez 2002, p. 121).

3.12. PROVA ORAL

Situação em que os alunos, expõem individualmente seus pontos de vista sobre pontos do conteúdo ou resolvem problemas em contato direto com o professor. Bastante útil para desenvolver a oralidade e a habilidade de argumentação.

Neste tipo de prova, as perguntas e as respostas são realizadas oralmente. As questões são previamente planejadas e ordenadas, podendo ser adequadas e sofrer variações de acordo com as respostas. Avalia-se, neste tipo de prova, o conteúdo cognitivo, podendo-se, também, inferir a respeito de atitudes e valores.

Avalia-se, nesta situação, a profundidade dos conhecimentos (opiniões, julgamentos, apreciações, tendências) e a habilidade de se comunicar. As limitações a este tipo de prova se dão principalmente pelo grande grau de subjetividade ao atribuir a nota, entrando em jogo, nesta situação, as incompatibilidades e as simpatias entre examinador e examinado.

De acordo com SANT'ANNA (1995, p. 31).

Avaliação é um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou, seja este teórico (mental) ou prático. (Sant' Anna 1995, p. 31)

Logo, A avaliação tem um significado muito profundo, à medida que oportuniza a todos os envolvidos no processo educativo momentos de reflexão sobre a própria prática. Através dela, direciona o trabalho, privilegiando o aluno como um todo, como um ser social com suas necessidades próprias e também possuidor de experiências que devem ser valorizadas na escola. Devem ser oportunizados aos alunos os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade.

Assim, segundo LUCKESI (2002, p. 81), o conceito de avaliação consiste:

“A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o

aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Se é importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra, tendo em vista poder trabalhar com ele para que saia do estágio defasado em que se encontra e possa avançar em termos dos conhecimentos necessários. Desse modo, a avaliação não seria tão somente um instrumento para aprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de sua situação tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para sua aprendizagem. Se um aluno está defasado não há que pura e simplesmente reprová-lo nesta situação.” (Luckesi 2002, p. 81).

Nesse sentido, faz-se necessário redimensionar a prática de avaliação no contexto escolar. Então, não só o aluno, mas o professor e todos os envolvidos na prática pedagógica podem, através dela, refletir sobre sua própria evolução na construção do conhecimento.

O educador deve ter, portanto, um conhecimento mais aprofundado da realidade na qual vai atuar, para que o seu trabalho seja dinâmico, criativo, inovador. Assim, colabora para um sistema de avaliação mais justo que não exclua o aluno do processo de ensino-aprendizagem, mas o inclua como um ser crítico, ativo e participante dos momentos de transformação da sociedade.

4. COMO A ESCOLA AVALIA O ALUNO

De acordo com Lei de diretrizes e bases da educação (LDB), Lei nº 9.394/96 no seu artigo 24 identifica-se que deve ser contínua e cumulativa diante do desempenho do aluno, como prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, evidencia-se, que devem ser levadas em consideração as habilidades que os discentes portam no decorrer do processo educacional.

O educador deve dar prioridade as características relacionadas às competências e as habilidades, não se acomodando as práticas quantitativas, mais fazendo uma junção dos dois aspectos, para alcançar um resultado positivo no ensino escolar, pois querendo ou não, a sociedade e o sistema ainda valorizam a nota e a classificação. Já para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a concepção de avaliação vai além da visão que centrava-se apenas em memorizar conteúdos, ou seja, no controle externo do aluno mediante a nota ou conceitos, para ser entendida como parte envolvida ao processo educacional.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) não veem a avaliação como ato de restringir ou julgar os sucessos ou fracassos do aluno, mas compreende que a avaliação funciona como um conjunto de atuações com função para refletir, sustentar e orientar a interferência pedagógica.

As propostas curriculares atuais, bem como a legislação vigente, primam por conceder uma grande importância à avaliação, reiterando que ela deve ser: contínua, formativa e personalizada, sendo mais um elemento do processo de ensino aprendizagem, o qual nos permite conhecer o resultado de nossas ações didáticas e, por conseguinte, melhorá-las. Essas ideias precisam sair do papel e do discurso de professores e realmente fazer parte de uma educação inovadora que traga um aumento da qualidade do ensino.

Alguns teimam em entender por avaliação os instrumentos ou métodos avaliativos como por exemplos: provas, exercícios, testes, e trabalhos, etc. Não compreendem a avaliação como um processo amplo da aprendizagem, indissociável do todo, que envolve responsabilidades do professor e do aluno. Ao tratar a avaliação dessa forma, afastam-na de seus verdadeiros propósitos, de sua relação com o ensinamento, de seu aspecto formativo. Falar da Avaliação no âmbito da Educação Escolar, no campo da Educação de Direitos, nos leva a pensar a sua função, o papel social do professor, a razão da existência da Escola. Traz a discussão os assuntos sobre inclusão e exclusão, privilégios e direitos, e obrigações, instrução e formação, que alunos queremos formar, que escolas estão construindo para a nossa sociedade.

De acordo com Luckesi (1999, p.15), a avaliação que se pratica na escola é a avaliação da culpa. Aponta, ainda, que as notas são usadas para fundamentar necessidades de classificação de alunos, onde são comparados desempenhos e não objetivos que se deseja atingir.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Dados obtidos por meio de questionário aberto tendo por objetivo responder de que forma a avaliação é utilizada na prática pedagógica do professor do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Os dados foram analisados a partir das respostas dos questionários e baseada na teoria utilizada na pesquisa. Os professores estão identificados com P1, P2 e P3. Como forma de mantê-los no anonimato preservando assim suas identidades.

1. QUESTIONÁRIO

1.1. QUAL A SUA CONCEPÇÃO SOBRE A AVALIAÇÃO?

Quando perguntamos sobre a concepção ou entendimento sobre a avaliação da aprendizagem, Responderam.

A professora P1 respondeu que: - entendo que avaliar a aprendizagem é um ato que deve ser feito com responsabilidades, pois se trata de verificar o conhecimento adquirido pelos educandos e que não pode resumir-se aos aspectos quantitativos.

A professora P2 respondeu que: - a avaliação é um elemento chave através do qual dispomos de informação que servem para tomarmos decisões. E assim, a avaliação permitirá que possamos intervir modificar e melhorar a nossa prática e a aprendizagem dos alunos.

A professora P3 respondeu que: - Eu costumo adotar a avaliação como um instrumento que ofereça parâmetros para acompanhar os processos coletivos e individuais, servindo ao mesmo tempo, de diagnóstica sobre o que foi possível construir com as interlocuções (professor/ aluno, aluno/professor, aluno/aluno) e de prognóstico para o planejamento e reajustes de interlocuções futuras”.

Observamos que a concepção ou entendimento da avaliação da aprendizagem para a professora P1 é um elemento de modifica a aprendizagem dos alunos.

Já avaliação para as professoras P2 e P3 se apresenta como instrumento de acompanhamento da aprendizagem dos educandos e melhorando assim a sua prática pedagógica do professor, permitindo uma tomada de decisão a respeito do acompanhamento e

desenvolvimento dos mesmos.

Assim como sugere Hoffmann (2002, p.17) “avaliação é a reflexão transformada em ação”, Ação essa que nós impulsiona as novas reflexões. Reflexão permanente do educando sobre sua realidade, e acompanhamento de todos os passos do educando na sua trajetória de construção do conhecimento um processo interativo, através do qual educando e educadores apresentam sobre si mesmo e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação.

Dessa forma, podemos dizer que as professoras compreendem o que é avaliação como um método utilizado para avaliar os alunos no momento o qual o mesmo esta desempenhado uma determinada atividade dentro ou fora de sala de forma individual ou coletiva e ao mesmo tempo avaliação como reflexão do o professor sobre a sua pratica pedagógica.

1.2. QUE INSTRUMENTOS SÃO UTILIZADOS PARA AVALIAR A APRENDIZAGEM DE SEUS ALUNOS?

Quando questionados sobre que instrumentos são utilizados para avaliar a aprendizagem de seus alunos

A professora P1 respondeu que: - Instrumentos qualitativos são provas mensais, trabalhos individuais e em grupo. E qualitativos são assiduidade, comprometimento, responsabilidade e participação ativa dos educandos.

A professora P2 respondeu que: - Através de uma avaliação continua e formativa, a observação dos alunos, de suas formas de expressão, do seu desenvolvimento nas atividades é um importante instrumento de avaliação.

A professora P3 respondeu que: - Diante da visão de aprendizagem como um processo, a avaliação deve ser continua, eu costumo observa a leitura, produção escrita, produção oral, a compreensão de texto oral e o teste mensal escrito.

Analisando as respostas das professoras, concluímos que as mesmas usufruem de vários instrumentos qualitativos e quantitativos para avaliar a aprendizagem dos educandos. Entre eles são quantitativos: provas mensais, trabalhos individuais e em grupo, produção escrita, produção oral, a compreensão de texto oral e o teste mensal escrito. qualitativos: assiduidade, comprometimento, responsabilidade, participação e observação.

“Haydt (1995, p. 59) afirma que “ grande é a variedade de instrumentos que o professor tem a seu dispor para determinar o nível de desempenho apresentado pelo aluno, em

função dos objetivos, propostos”. Assim o professor precisa fazer uso dos variados instrumentos existentes como: auto-avaliação, observação, relatório, avaliação participativa para fazer uma avaliação que possibilite o bom desempenho dos alunos no processo de ensino aprendizagem.

1.3. COMO A AVALIAÇÃO PODE MELHORAR A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS E TAMBÉM A PRÁTICA DO PROFESSOR?

Tratando-se sobre o questionamento feito sobre a avaliação pode melhorar a aprendizagem dos alunos e também a prática do professor.

A professora P1 respondeu que: - A avaliação permite ao professor redefinir sua prática, procurando novas maneiras de trabalhar o conteúdo em sala e proporciona suas necessidades, efetivando assim o processo de ensino- aprendizagem.

A professora P2 respondeu que: - A avaliação permite que o professor faça um diagnóstico a respeito dos conhecimentos e das capacidades dos alunos por meio dessa avaliação o professor irá planejar as atividades a serem realizadas.

A professora P3 respondeu que: - É por meio da reflexão, da conjugação dos objetivos estabelecidos para o curso e para cada uma das suas etapas e das características do grupo de alunos, que o professor deve buscar a melhor adaptação às situações de troca entre ele e sua classe e entre os alunos.

As professoras registraram que a avaliação pode melhorar o processo de ensino – aprendizagem a partir da reflexão diante dos resultados diagnosticados, criando possibilidades para melhorar esse processo.

Na fala das professoras observamos que elas têm consciência de que a aprendizagem do aluno é fruto, em grande parte, de seu método de ensino, deixando claro que o resultado obtido na avaliação serve como um redirecionamento de sua prática.

Coerente com o que diz Vasconcelos (2007, p.85) quando afirma que:

Avaliação é um processo da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar obstáculos. (Vasconcelos, 2007, p.85).

1.4. QUAIS AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NA RECUPERAÇÃO DE SEUS ALUNOS?

Tratando-se sobre o questionamento feito sobre Quais as estratégias utilizadas na recuperação de seus alunos.

A professora P1 respondeu que: - Identificamos os assuntos abordados nos dois últimos meses, para diagnosticar as dificuldades dos alunos e saná-las recapitulamos estes conteúdos em aulas de reforço, depois aplicamos uma avaliação.

A professora P2 respondeu que: - O primeiro passo é que o professor tenha uma imagem positiva e estimule a criança a participar das aulas, de uma forma que ela se sinta capaz de enfrentar as diferentes situações de aprendizagem, diante disso o professor irá obter bons resultados.

A professora P3 respondeu que: - Levar os alunos a observarem seus erros e corrigi-los.

Analisamos as respostas da professora, concluímos que as estratégias utilizadas na recuperação de seus alunos pela professora P1 é de diagnosticar os assuntos em que os educandos estão com mais dificuldades revisando- os para assim aplicar uma avaliação.

A professora P2 é de estimular seus alunos no seu aspecto emocional vendo os erros de forma positiva e não de forma negativa para que possa superá-los.

Já a professora P3 realiza uma recuperação onde os alunos fazem uma reflexão sobre seus erros para que eles os corrijam.

Para San' Anna (2003, p. 45).

“O professor, ao utilizar a avaliação como um recurso para o educando verificar seu crescimento, estará permitindo o aluno a ser tornar um aprendiz crítico capaz de avaliar as contribuições feitas pelos outros; estará oportunizando ao aluno conhecimento relevante para a solução de problemas; estará oferecendo condições para o aluno criativo e livre de capaz em iniciativas e responsáveis por suas ações”. (San' Anna, 2003, p.45).

Diante dos dados avaliados com as três professoras foram observadas o modo satisfatório da visão da avaliação, quais os instrumentos utilizados pelos mesmos no processo de avaliação de seus alunos, De que maneira a avaliação pode ser melhorar a aprendizagem dos educandos e a pratica do professor, Como a avaliação pode se melhor trabalhada em sala de aula, O objetivo da avaliação para o professor e as estratégias utilizadas na recuperação dos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos propiciou refletirmos sobre a importância da avaliação da aprendizagem em diferentes contextos educacionais, porém, observa-se que avaliar não consiste apenas em criar um instrumento de avaliação, mas transformá-lo em um instrumento de crescimento, reflexão para professores e alunos, onde o professor reflete sobre a sua capacidade de provocar o processo de construção dos aspectos cognitivos dos seus alunos e onde os educandos possam refletir sobre o processo de construção da aprendizagem desenvolvida diariamente em sala de aula.

Com este trabalho tivemos a oportunidade de refletirmos sobre a visão dos professores sobre as diferentes concepções da avaliação da aprendizagem e a sua importância para a aquisição e desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos.

Através do questionário podemos concluir que os professores usufruem de vários instrumentos qualitativos e quantitativos para avaliar a aprendizagem dos educandos. Entre eles são quantitativos: provas mensais, trabalhos individuais e em grupo, produção escrita, produção oral, a compreensão de texto oral e o teste mensal escrito. Qualitativos: assiduidade, comprometimento, responsabilidade, participação e observação.

Portanto, a avaliação é um instrumento de fundamental importância para professores, e alunos, pois nos provoca a refletir sobre os diferentes processos de avaliações que devem ser diagnóstica, formativa e somativa.

Sendo assim, a pesquisa foi de grande contribuição para nossos estudos e nos fez refletir que a aprendizagem significativa só será possível se for realizada uma avaliação de qualidade, ou seja, uma avaliação crítica e reflexiva sobre a avaliação docente. No entanto esta discussão não se encerra aqui é preciso mais estudos para se compreender e analisar um tema tão relevante para a educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, L. Portfólios como instrumentos de avaliação dos processos de ensinagem. 6. ed. Joinville: Univille, 2006. p. 101- 120.
- ANTUNES, Celso, **Relações interpessoais e auto- estima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral**, fascículo 16. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. Brasília: MEC/SET, 1997.
- CARVALHO, Maria Helena da Costa. **Avaliação e Organização do Trabalho Pedagógico: uma abordagem freireana**, 2006. Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?Id=1379>> Acessado em: 17 de Ago.2011.
- DEMO, Pedro **A nova LDB: ranços**. 15. ed, São Paulo: Papirus, 2003.
- DALBEN, Â I. M. F. **Avaliação escolar e a relação com o conhecimento**. Caderno de Educação. APUBH – S. SIND. 1999, p. 74-87.
- FERNANDEZ, Eda Conte. **Qualidade de vida no trabalho**. Salvador: Casa da Qualidade, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002
- FERREIRA, Racilda Maria Nóbrega. **Orientação metodológica para a estrutura dos trabalhos acadêmicos: construindo conceitos, produzindo conhecimentos e formando pesquisadores**. Fortaleza: Premium, 2005.
- HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo Ensino-Aprendizagem**. 5ed. São Paulo: Ática, 2004.
- HADJ, C. **Avaliação regras do jogo**. Porto: Editora, 1994.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Pontos & contra pontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições**. 19 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____, **Avaliação da aprendizagem escolar**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____, **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18ª Ed.- São Paulo: Cortez, 2006.

_____, **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____, **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.

MÉNDEZ, Juan Manoel Álvarez. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. 2 ed. São Paulo: Artmed, 2002.

MINAYO, M.C.S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

RIBAS, M. H. **Avaliação formativa: sua importância para o processo ensino-aprendizagem**. In: Nadal, B. G. (org). **Práticas pedagógicas nos anos iniciais: concepção e ação**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007. p.147-164.

SANT'ANNA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar? critérios e instrumentos**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SAVIANI, Demerval. **As teorias da educação e o problema da marginalidade**. In: **Escola e democracia**. São Paulo, Cortez, 1983.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP 8 A, 1990.

SAUL, Ana Maria A. **Avaliação emancipatória: desafio á teoria e a prática de avaliação e reformulação de currículo**. São Paulo: 1995.

VASCOCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética e libertadora do processo de avaliação escola**: 17. ed. São Paulo: Libertad, 2007.

_____, **Construção do Conhecimento em Sala de Aula**, 17ª Ed.- São Paulo; Libertad, 2005.

APÉNDICE

Prezado (a) Professor (a)

Estamos realizando uma pesquisa científica de caráter acadêmico, que resultará em um trabalho monográfico indispensável á conclusão do curso Normal Superior do Campus Professor José Alexandre Alves de Oliveira (UESPI). O objetivo primordial é conhecer as práticas de avaliação da pública de Parnaíba.

Para isso solicitamos de V.S.^a que responda o questionário abaixo, sendo necessária a sua identificação.

Escola: _____

Nome: _____

Série: _____

QUESTIONARIO

01. Qual a sua concepção sobre a avaliação?

02. Que instrumentos são utilizados para avaliar a aprendizagem de seus alunos?

03. Como a avaliação pode melhorar a aprendizagem dos alunos e também a prática do professor?

04. Quais as estratégias utilizadas na recuperação de seus alunos?